

COMUNICAÇÃO ORAL - EDUCAÇÃO FÍSICA, TRABALHO DOCENTE E A
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES E PROFESSORAS

**JOGOS E BRINCADEIRAS INDÍGENAS: RESISTINDO CONTRA O
DISCURSO DO “DESCOBRIMENTO”**

Uirá De Siqueira Farias (uirasiqueira@yahoo.com.br)

Esse trabalho tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica que tematizou os jogos e as brincadeiras indígenas com crianças de 6 anos do 1º ano das séries iniciais do ensino fundamental, com o intuito de materializar os saberes produzidos na educação básica pública e contribuir/inspirar atuais e futuros educadores/as que, de forma autoral, possam resistir e romper com a lógica neoliberal em curso na educação em nosso país. A metodologia está ancorada nos pressupostos das pesquisas qualitativas de cunho crítico, assim como na ideia de registro de experiências pedagógicas. Os relatos de práticas docentes são registros reflexivos que sistematizam a intencionalidade pedagógica, o percurso metodológico e os resultados das atividades escolares. Mais do que meras descrições, esses documentos explicitam o fazer e o pensar do/da educador/a, promovendo a avaliação crítica e a melhoria contínua da educação. No contexto da educação nacional, a BNCC e os marcos legais reforçaram a obrigatoriedade e criaram pontos de apoio para professores/as e, inclusive, para editoras de livros didáticos tratarem a temática afro-brasileira e

indígena de forma mais frequente e mercadológica. Isso favoreceu a maior circulação de pesquisas e críticas sobre imagens, narrativas e conteúdo didático. No entanto, essa presença ampliada nem sempre significa apropriação crítica da produção acadêmica sobre as questões afro-brasileiras e dos povos indígenas. O resultado desse movimento reverbera, em livros e práticas pedagógicas, visões estereotipadas, lacunas formativas e fragilidades na transposição curricular para a sala de aula. As culturas indígenas e seus jogos e brincadeiras desafiam o status quo capitalista ao promover aprendizagens sociais, resistência e identidades. Tratar dos jogos e brincadeiras dos povos indígenas é exatamente subverter todos esses dilemas e transgredir para outras possibilidades pedagógicas. É deixar de somente exercer uma prática pedagógica e passar a viver uma prática político-pedagógica, aquela que não cai na falácia da neutralidade, uma pedagogia engajada. Mesmo diante dos tensionamentos que o projeto pedagógico enfrentou, pudemos trazer o debate a público, todo amparado por leis e materiais pedagógicos consistentes, inclusive enfrentando discursos colonialistas reproduzidos por livros didáticos e afirmando, na escola pública, práticas que possam transgredir. Tensionar a origem da formação social de nosso país ainda é um grande desafio que exige um debate crítico de qualidade.

Palavras-chave: educação física escolar; jogos e brincadeiras indígenas; culturas indígenas.